

**CIÊNCIA, PESQUISA, SOCIOLOGIA E DIREITOS HUMANOS: ENTREVISTA
COM SILZANE CARNEIRO, COORDENADORA DO LAEDH - LABORATÓRIO DE
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS DO COLÉGIO PEDRO II¹**

Carlos Eduardo Oliva C. Rêgo²

Luiz Felipe S. Isaias³

Millena S. Sá Freire⁴

Nathalia Barbosa B. S. Saboia⁵

Pedro Dias F. Azevedo⁶

RESUMO: Entrevista realizada no âmbito do projeto de iniciação científica *Memória das Ciências Sociais no Rio de Janeiro: trajetórias e histórias de vida*, realizado junto ao LAEDH - Laboratório de Educação em Direitos Humanos do Colégio Pedro II - e apoiado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) do Colégio Pedro II, com a professora Silzane de Almeida Carneiro, professora do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II há quase duas décadas, atual coordenadora do LAEDH – Laboratório de Educação em Direitos Humanos do Colégio Pedro II, que possui uma trajetória, como cidadã e professora de Sociologia na Educação Básica, voltada para uma relação entre a Sociologia e uma defesa dos Direitos Humanos. Nesta entrevista, ela conta sobre sua origem familiar, sua vida escolar, sua formação em Ciências Sociais, suas pós-graduações e sua trajetória no Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II, ao qual tem dedicado sua vida profissional há tantos anos.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia, histórias de vida, trajetórias

ABSTRACT: Interview carried in the scope of the scientific initiation project *Memória das Ciências Sociais no Rio de Janeiro: trajetórias e histórias de vida*, conducted at LAEDH - Laboratory of Human Rights Education at Colégio Pedro II - and supported by the Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Extensão e Cultura (PROPGPEC) at Colégio Pedro II, with Silzane de Almeida Carneiro, professor at the Sociology Department at Colégio Pedro II for almost two decades, current coordinator of LAEDH, who has a background as a citizen and Sociology professor focused on a relationship between Sociology and defense of Human Rights. In this interview, she tells about her family background, her school life, her graduation in Social

¹ Entrevista realizada em 06 de novembro de 2019 na Sala do LAEDH, generosamente concedida pela Prof^a Silzane Carneiro, a quem os autores agradecem pela gentileza de ter aceito participar de nosso projeto de pesquisa. Coincidentemente, nesta data, o LAEDH completava 5 anos de sua inauguração com palestra da Prof^a Raquel Emerique ocorrida em 06 de novembro de 2014 no Salão Nobre do Colégio Pedro II – Campus Centro. Esta publicação se dá, entretanto, no marco de 6 anos do LAEDH, no final de 2020. Entrevista revisada pela Prof^a Silzane Carneiro.

² Professor de Sociologia do Colégio Pedro II. Doutor e mestre em Ciência Política pela UFF. Especialista em Ensino de Sociologia pelo CPII. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pelo IFCS-UFRJ. Estudante de Direito pela UERJ. É pesquisador do LAEDH.

³ Aluno de Ensino Médio do Colégio Pedro II – Campus Centro, bolsista de iniciação científica do LAEDH. Realizou parte da transcrição da entrevista, da qual participou e que deu origem a esta publicação.

⁴ Aluna de Ensino Médio do Colégio Pedro II – Campus Centro, bolsista de iniciação científica do LAEDH. Realizou parte da transcrição da entrevista, da qual participou e que deu origem a esta publicação.

⁵ Aluna de Ensino Médio do Colégio Pedro II – Campus Centro, bolsista de iniciação científica do LAEDH. Realizou parte da transcrição da entrevista, da qual participou e que deu origem a esta publicação.

⁶ Aluno de Ensino Médio do Colégio Pedro II – Campus Centro, bolsista de iniciação científica do LAEDH. Realizou parte da transcrição da entrevista, da qual participou e que deu origem a esta publicação.

Sciences, her postgraduate studies and her career at the Sociology Department of Colégio Pedro II, to which she has dedicated her professional life for so many years.

Keywords: Teaching of Sociology, life stories, trajectories

Carlos Eduardo Oliva: Professora Silzane, primeiramente agradecemos a sua presença! Há vários motivos pelos quais é especial a senhora estar aqui dando o seu depoimento hoje. O primeiro é que a senhora está inaugurando uma nova fase da pesquisa, a gente já entrevistou quase todos os professores egressos do concurso da década de 1990, do Departamento de Sociologia, e a senhora é a primeira professora da geração do concurso de 2002 do Departamento. Além disso a senhora é coordenadora no LAEDH, que é o Laboratório de Educação em Direitos Humanos do Colégio Pedro II, que é no âmbito do qual estamos fazendo a pesquisa. Então é super significativo ouvi-la e a gente quer conhecer um pouco da trajetória da senhora. E aí, para começar, vamos fazer uma pergunta básica: qual é o local e a data de nascimento da senhora? Como eram o seu ambiente familiar, a formação dos seus pais e no que isso tudo pode ter sido determinante na sua trajetória?

Silzane de Almeida Carneiro: Antes quero agradecer a você, Carlos, por me entrevistar e a essa sua equipe. Eu nasci nos anos 1960 no Rio de Janeiro. Meu pai, Alonso, tem o Ensino Médio e minha mãe, Stael, foi fazer faculdade com os filhos já crescidos. Ela foi para a faculdade e se formou em Letras, mas a maior parte do tempo atuou como dona de casa. Os meus pais não foram criados no Rio de Janeiro, são baianos. Então a gente veio morar no Rio de Janeiro eu devia ter uns 10 anos. Eu nasci no Rio de Janeiro por um acaso: minha mãe tinha uma irmã que morava aqui, ela parou para visitar a irmã e eu nasci, mas depois de alguns anos viemos morar aqui no Rio.

C.E: Eles são de que lugar na Bahia, o seu pai e a sua mãe?

S.C: A minha mãe é de Caravelas, no Sul da Bahia, e o meu pai é de Riachão de Jacuípe, próximo a Feira de Santana, no interior da Bahia. Caravelas já foi uma cidade importante lá na Bahia, hoje já não é. Tem uma data festiva lá, que é o Dia de Santo Antônio, em 13 de junho, que é o padroeiro da cidade. Então minha mãe vai lá e revê os amigos de infância, é bem bacana esse momento! Mas o ambiente familiar não interferiu na minha escolha pelas Ciências Sociais. Foi no Ensino Médio, já no terceiro ano que decidi fazer Ciências Sociais.

C.E: Isso já no Rio de Janeiro?

S.C: Já no Rio... Eu tentei escola técnica porque eu queria fazer Química, eu gostava muito de Química. Mas aí no ano em que eu fui fazer, entrou Desenho como matéria da prova do Vestibular. Eu não gostava de Desenho, e não podia zerar a prova. Então no Ensino Médio eu gostava muito de Química, gostava de Física e de Matemática, mas quando foi chegando assim para o final do curso, foi aquele período, final de Ditadura, movimento pelas Diretas e eu ficava pensando, por falta de informação, que eu ia fazer Matemática, ia fazer Vestibular para Matemática e só ia ver números, números, e não era o que eu queria, eu gostava de pessoas, movimentos. Então fui pesquisar e encontrei as Ciências Sociais. Fiz Ciências Sociais. Até hoje eu acho curioso, mas no meu Vestibular, a prova em que eu mais fiz pontos foi Química. Eu gostava!

C.E: Essa predileção por Química, será que tem a ver alguma coisa com o trabalho do seu pai?

S.C: Não, meu pai não era químico...

C.E: Mas tinha uma relação com a Petrobrás...

S.C: Quando ele veio trabalhar aqui no Rio, ele trabalhava com computador, na área de informática.

C.E: Ah é? Então foi o pioneiro, né?

S.C: Ah, sim! Era a introdução, ainda eram aqueles cartõezinhos de perfurar, era um setor novo que estava abrindo. Antes de vir para o Rio, ele trabalhava no campo, era observador de geofísica. Ele veio para o Rio, fez curso para trabalhar com computadores de grande porte.

C.E: E a sua mãe fez Letras, a senhora disse. A senhora ainda era criança ou já estava maior?

S.C: Já éramos crescidas. Tenho três irmãs, uma mais velha e duas mais novas. Eu devia ser adolescente. Mas eu já era crescida, ela não precisava estar cuidando de ninguém.

C.E.: Onde a senhora estudou?

S.C.: Onde eu estudei? Eu morava em Maceió, e em Maceió a gente estudava em escola particular.

C.E: A senhora morou em Maceió do nascimento até os 10 anos?

S.C: Não, meu pai viajava muito, parecia que era militar, mas não era militar não, era por conta do trabalho. Então eu lembro assim, a última cidade que eu morei, antes de vir para cá, foi Maceió. Em Maceió eu era criança, mas me lembro de estudar em escola particular. Mas quando chegamos aqui, eu vim estudar nessa escola aqui perto [no Centro do Rio de Janeiro], [Escola Municipal] Rivadávia Correia, e foi assim uma novidade, essa coisa de estudar em escola pública, foi tudo uma grande novidade para a gente e para os meus pais. Depois eu fui estudar na Lagoa, naquele [Colégio Estadual] Ignácio Azevedo do Amaral, no Ensino Médio, mas eu só fiz um ano lá e fui para uma escola particular, era cursinho, pré-vestibular, não sei. Tinha bolsa, mas eu não me lembro o nome desse curso, realmente eu não me lembro...

C.E: Aí de lá, desse curso, a senhora faz o vestibular para Química?

S.C: Não, eu mudei de curso e esse outro curso ficava em Vila Isabel. Eu concluí o Ensino Médio nesta instituição, mas pouco tempo depois fechou. Nesse outro curso, me marcou muito um professor de Português que foi, em toda a minha trajetória de estudante de Ensino Médio, uma pessoa com quem eu aprendi Português, hoje eu já esqueci muita coisa, mas aprendi a ler e a escrever corretamente, a ler e a me interessar por Literatura, era um professor que era apaixonado por Machado de Assis, eu fui ler *Dom Casmurro* muito influenciada por ele, que era apaixonado, lembro de ter lido algumas coisas também, não só de Machado, como de outros autores. Então, assim, essa outra escola me marcou, mas eu não me lembro o nome.

C.E: E como ele se chamava?

S.C: Alexandre. Teve um outro também, professor de Português, mas eu não escutava o que ele falava, porque falava baixinho, e eu me lembro também do nome dele, era Nilo. Ele organizou uma festa junina que foi marcante também no curso...

C.E: Nesse momento da juventude, ali no final do Ensino Médio, indo para a Universidade o que que lhe marcou, um livro, uma obra marcante?

S.C: Na literatura, lia Graciliano Ramos, Machado de Assis, José Mauro de Vasconcelos, Érico Veríssimo, Tolstói, Dostoiévski, Camus, Zola, Isabel Allende, Jane Austen, Clarice Lispector. Lia bastante. Lembro de dois livros que me impactaram, *As vinhas da Ira* de John Steinbeck e *Senhor Embaixador* de Érico Veríssimo. Eu lembro de algumas leituras na faculdade, por exemplo, de na época ler Fernando Henrique Cardoso, sobre Autoritarismo, e uma literatura sobre Economia, desenvolvimento tardio, dependência. Fernando Henrique me marcou, na

faculdade nós líamos alguns livros dele, alguns do Guerreiro Ramos. Eu não me lembro, mas certamente eu devo ter lido Florestan Fernandes, mas Octavio Ianni me marcou mais que Florestan, não me recordo o motivo. Eu lembro também que na faculdade eu gostava muito da área da Sociologia Rural, mas não me recordo de autores... Li Manoel Tosta Berlinck, li coisas sobre marginalidade, sobre boias frias...

C.E: E por falar em Ciências Sociais, como se dá a opção pelas Ciências Sociais, como se dá e por que se dá?

S.C: É o que eu estava falando ali, já no último ano do Ensino Médio, as Diretas Já vieram depois, mas era esse período de Ditadura, de final de Ditadura, começando esse processo para o final da Ditadura, e eu gostava do movimento, de estar discutindo política, e eu não queria fazer Matemática, que é uma coisa que eu tinha pensado antes que só via números, aí resolvi fazer Ciências Sociais. Eu sei que eu fui pesquisando, estudando, essas coisas de estudos de sociedade, estudos de movimentos sociais, isso me interessou. Eu lembro que eu estava trabalhando, tinha um contador na empresa que falou assim: “O que é que você vai fazer? Ciências Sociais? Isso tem mercado?” E eu falei: “Se não tiver, eu faço outra faculdade!” Aí ele disse: “Então você tem muito tempo a perder...” E eu nunca me esqueci disso. E hoje em dia a gente conversa sobre isso, mas acho que não perdi meu tempo não!

C.E: E isso foi em que ano, que a senhora entrou nas Ciências Sociais?

S.C: Em 1979, por isso que eu falo que não lembro em que ano foi o movimento pelas Diretas, acho que foi em 1982.

C.E: Já estava no curso.

S.C: É. Então, o início do curso de Ciências Sociais foi estranho, uma literatura que eu não conhecia, muita coisa que eu não tinha conhecimento, muita coisa que eu não entendia, então o primeiro ano foi difícil. Senti dificuldade, quase fiquei reprovada em uma matéria de Metodologia, mas passei, nunca repeti, mas eu lembro especialmente dessa matéria. Eu gostava dos textos! Eu não gostava muito de Antropologia. Como as coisas mudam...

C.E: Mas era uma Antropologia diferente né?

S.C: Ah, era! Na época em que eu estava na faculdade, minha área de interesse era o campo, relações de trabalho, movimentos sociais rurais, reforma agrária. então eu lia muito jornal,

especialmente a *Folha de São Paulo*, muita coisa sobre essa área rural, não sei explicar o porquê deste interesse. Mais tarde, após um curso com ênfase na questão urbana, fui para a área urbana.

C.E: Mas de um modo geral, eu lembro de uma conversa que a gente já teve e a senhora falou que sua preferência mesmo sempre foi por Sociologia, comparada com Ciência Política e Antropologia. E teve algum motivo ao longo do curso para a Sociologia ir concentrando a sua atenção?

S.C: Eu gostava de Ciência Política também, mas eu gostava mais de Sociologia, não sei te dizer o motivo. Quando eu terminei a faculdade, eu tentei o mestrado no IFCS [Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro], onde me graduei, mas não passei, fiquei na entrevista. Para esta seleção, apresentei um projeto sobre o campo e sobre os boias frias. Após este processo, eu fui fazer um curso de Especialização em Sociologia Urbana e conheci um professor e fiquei trabalhando com ele com pesquisa, e aí foi que eu acabei me interessando pela área urbana. Então fui fazer mestrado na área, no IPPUR [Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro] e é o assunto e campo de pesquisa que eu gosto.

C.E: E esse professor, qual o nome dele?

S.C: Franklin Dias Coelho. Quando eu estava terminando a faculdade e estava fazendo a licenciatura, eu tomei conhecimento de um curso que ia trabalhar com a alfabetização de adultos e usar a metodologia do Paulo Freire, aí eu fui no curso, porque eu queria conhecer, porque eu estava estudando a metodologia e eu não conhecia na prática o método, aí eu queria participar, e era um curso voltado para as empregadas domésticas, funcionava à tarde, o objetivo inicial era atender as empregadas domésticas, mas atendia donas de casa, garçons, todo mundo que tinha tempo livre à tarde. Então era um curso de alfabetização com metodologia Paulo Freire cujo objetivo era formação política, empoderamento. Não tinha somente aulas, mas palestras, atividades teatrais. Era bom para todos os envolvidos. Eu dei aula nesse curso durante alguns anos, a professora que ia dar o curso não pôde porque estava grávida e teve que ficar de repouso, e eu que era a pessoa interessada em conhecer a prática fui aplicar o curso na prática. Depois eu comecei a trabalhar na pesquisa com o Franklin Dias Coelho sobre Movimentos Sociais na década de 1950, então eu fazia pesquisa na Biblioteca Nacional e depois fui para o mestrado.

C.E: Mas a senhora começou a graduação em 1979 e terminou em 1982 e aí foi trabalhar com o Franklin em que ano?

S.C: Eu não sei precisar o ano, eu teria que olhar um documento, não me lembro. Deve ter sido final dos anos 1980, início dos anos 1990.

C.E: Nesse ínterim, a senhora chega a ter um interesse por estudar História, né?

S.C: Ah, sim! Eu terminei a faculdade de Ciências Sociais, não sei se foi logo em seguida ou se passou algum tempo, resolvi fazer História, e me matriculei no IFCS com isenção de vestibular, comecei a fazer, acho que eu fiz um ano e meio, mas depois eu desisti porque não gostei do curso, e eu fui fazer aula particular de História, fiz durante um tempo só a História do Brasil, aprendi um pouco com um professor muito bom, que era da UFF, Maurício, mas depois eu parei o curso porque ficava muito caro fazer as aulas.

C.E: Nesses anos 1980 que a senhora estava falando, a senhora acabou o curso e foi trabalhar com outras coisas ou já foi se inserindo em alguma ocupação dentro das Ciências Sociais?

S.C: Eu fiquei dando aula, mas não sei se só fiquei lecionando ou se trabalhei em outras coisas antes da pesquisa com o professor Franklin.

C.E: Mas isso na década de 1990?

S.C: Sim. Acho que eu entrei para o mestrado em 1993 e defendi em 1997. Mas de 1990 a 1992 eu já vinha trabalhando com a professora Ana Clara Torres Ribeiro.

C.E: Antes de entrar no mestrado, a senhora já estava trabalhando com a Ana Clara Torres?

S.C: Já trabalhava com a Ana Clara em pesquisa...

C.E: A especialização que a senhora fez foi no Instituto Metodista Bennett na década de 1980?

S.C: Foi na década de 1980, no final.

C.E: Nisso a senhora trabalha com o Franklin antes de trabalhar com a Ana Clara e aí a senhora chega no IPPUR, antes do mestrado, já trabalhando com a Ana Clara...

S.C: Isso! O Franklin foi orientando da Ana Clara, ela estava precisando de uma bolsista e o Franklin me indicou. A Ana Clara tinha um grupo grande de pesquisa. A pesquisa da Ana Clara era muito interessante, inovadora, sobre comunicação, metrópole e novas tecnologias de

comunicação. Um tema que estava começando a surgir – na época era o *pager*, aí depois veio o celular –, sobre essa rede urbana invisível, sua gestão e poder... tanto que a minha dissertação de mestrado vai ser sobre telefonia.

C.E: Era uma dissertação que tinha uma questão também sobre acesso, né?

S.C: Era sobre a exclusão... Porque havia a desigualdade social no acesso a telefonia. Antigamente o telefone era um problema, era um artigo de luxo, realmente uma linha de telefone era muito cara. Como as pessoas resolviam os seus problemas sem um telefone? Nem os orelhões [telefones públicos] às vezes funcionavam. Essa situação, vivenciada por uma parcela da população, se tornou um problema a ser pesquisado. Pesquisei a infraestrutura, uma materialidade invisível, porque você não vê essa desigualdade entre os bairros mais bem equipados e os menos equipados, foi isso que a gente trabalhou. Essa coisa de redes de solidariedade, a rede social, tudo estava lá, porque, à medida que as pessoas não tinham telefone, elas tinham que se organizar de outra forma.

C.E: Ai a gente pensa na carreira, quando que a senhora começou a carreira no campo do Ensino de Sociologia... Nesse interim de ir para o mestrado e tal, a senhora ainda não tinha entrado no magistério lecionando Sociologia?

S.C: Não, eu comecei a dar aula acho que em 1990, 1991, por aí... Até então, eu não pensava em ser professora, mas gostei da experiência na sala de aula com o método Paulo Freire! Até aquele momento eu não pensava em ser professora, só depois disso, pois o que me interessava mesmo era pesquisa. Só que o governo foi cortando as bolsas, que foram reduzindo, reduzindo, até que chegou uma hora que não era mais possível continuar só com pesquisa. Aí eu acho que foi quando eu fui dar aula. Então eu dei aula no Colégio Metropolitano no Méier, não sei precisar a ordem, mas foi um dos primeiros colégios em que eu dei aula, lecionei no Colégio Veiga de Almeida, na Barra, em uma escola cooperativa, a CEREJA, em Jacarepaguá, onde gostei muito de trabalhar porque era uma cooperativa organizada pelos pais dos alunos, progressistas, era um local muito bom para se trabalhar. Depois fechou, não se sustentou, depois de algum tempo os pais não conseguiram mais bancar, mas foi uma boa experiência! Ainda trabalhando no Colégio CEREJA, vim para o Colégio Pedro II, porque tinha um concurso para ser professor contratado [temporário]. Fiz a inscrição achando que nem ia ser chamada nem nada, porque o processo seletivo foi até engraçado... como eu estava meio desanimada, meio desacreditada com concurso público de ouvir falar que era jogo de cartas marcadas, acabei

Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 26, 2º sem. 2020, p. 56-71.

entrevistando a banca, além de ser entrevistada: eu fiz várias perguntas. Mas aí depois eu recebi um telegrama e fiquei satisfeita. Gostei de trabalhar no Colégio Pedro II. Veio um concurso para professores efetivos e passei nesse concurso, ao lado de outros candidatos.

C.E.: As perguntas que a senhora fez para a banca nesse momento davam conta de questões de ordem prática, como era o colégio?

S.C.: Sim, porque eles não divulgaram o número de vagas, quantas vagas tinham, umas perguntas assim, se era contrato ou se era cadastro de reserva, alguma coisa assim, eles não sabiam informar o número de vagas. Ai depois ficamos assim conversando. Eu tinha terminado minha dissertação de mestrado, mas eu podia ter continuado no doutorado, e até hoje eu acho que isso foi um erro, porque eu falei assim: “não, eu tenho que trabalhar.”

C.E.: Mas a senhora estava com filha pequena no final da dissertação...

S.C.: Estava, mas tinha que trabalhar. Então eu cometi dois erros, porque eu dava aula no Metropolitano quando eu entrei no mestrado. Falaram assim: é Dedicção Exclusiva. Eu, muito ingênua, acreditei que era Dedicção Exclusiva e eu saí da escola, pedi demissão. Mas minha turma tinha vários professores e ninguém saiu de seus empregos. E teve uma reunião que disseram que tinha que ser Dedicção Exclusiva e eu saí. E aí depois acabou a bolsa do mestrado e não tinha mais trabalho, tinha que trabalhar. Só que quando você começa a trabalhar, não para, e não tem mais tempo para nada. E até hoje não fiz o doutorado.

C.E.: Nos últimos anos se transformou muito o ensino de Sociologia. Livros didáticos, o PNLD, as licenciaturas que surgiram, todo um mercado novo de livros paradidáticos... Antes se usava muito mais um material preparado pelos próprios professores, era uma aula de Sociologia com recursos produzidos pelos próprios professores... A senhora começou já dando aula de Sociologia ou de outras disciplinas?

S.C.: Eu dava aula, nessas escolas, de Geografia. E no CEREJA eu dava aula de Sociologia e Filosofia. No CEREJA também tinha Filosofia do Ensino Fundamental, aí eu lecionava no Ensino Médio e no Ensino Fundamental, nas últimas séries. Depois a escola encerrou o Ensino Médio e ia ficar só com o Ensino Fundamental. Resolvi sair da escola porque não compensava. Mas quando eu me formei também a gente tinha que fazer a inscrição pelo MEC. O MEC dava

uma carteirinha que liberava para você lecionar OSPB, Estudos Sociais, que abria a chave para trabalhar na História ou Geografia e Sociologia. Mas OSPB nunca lecionei.

C.E.: Mas a senhora teve OSPB e Moral e Cívica?

S.C.: OSPB eu lembro, mas não lembro de Moral e Cívica. OSPB eu tive.

C.E.: Como era o Departamento de Sociologia quando a senhora entrou? Tinha muitos egressos dessas disciplinas, Moral e Cívica e OSPB?

S.C.: Aqui no colégio? Não... olha, quando eu entrei eu fiquei na Unidade Tijuca [hoje *Campus Tijuca*]. Eu só tinha contato com os outros professores no Colegiado, e era um grupo muito pequeno. Então, na Tijuca, a coordenadora não era formada em Sociologia, a Sandra. Tinha a Sandra, a Terezinha, a Ecléa, que não eram formadas em Ciências Sociais. O Departamento de Sociologia começou a se formar um concurso antes do meu, quando entraram o Felipe Bon, a Janeleide Aguiar, a Fátima Ivone Ferreira e o Lier Pires Ferreira. Na minha banca tinha o Jorge, que era formado em Ciências Sociais, tinha uma outra professora, Leila, também formada em Ciências Sociais, mas quando eu entrei como efetiva, ela já tinha se aposentado. Só tive contato mesmo com ela ali na banca, praticamente. E um outro professor era o Benjamin Lago, ele também era o Chefe de Departamento, ele também tinha formação em Ciências Sociais. Mas, quando eu entrei, logo ele saiu e depois veio a falecer.

C.E.: A senhora conviveu pouco com ele... E mais recentemente a senhora passa a ser uma autora que tem uma produção no campo do Ensino de Sociologia, que tem uma reflexão, artigos que são referência, sobre as Ciências Sociais na Educação Básica, sobre a iniciação à pesquisa científica na Educação Básica e sobre o ensino de Sociologia na Educação em Direitos Humanos. Sempre que se cita a iniciação à pesquisa científica em Sociologia na Educação Básica, se cita aquele seu artigo com a Janeleide Aguiar... Com a Fátima Ferreira tem aquele artigo “Nem tudo que é Social é Sociológico” e agora recentemente a senhora está mais na perspectiva da Sociologia na Educação em Direitos Humanos, acho que a sua produção recente é toda nesse sentido, né? Alguns artigos com a Natália Braga... E a senhora foi, dentro do Departamento de Sociologia, uma das professoras que foi pioneira nessa defesa de se oferecer no Colégio Pedro II as Ciências Sociais no Ensino Fundamental e não a disciplina “Sociedade e Cidadania”...

S.C.: Isso... A Janecléide também!

C.E.: A Janecléide nos concedeu uma entrevista anteriormente e ela também citava muito a sua participação nesse bojo dessas discussões sobre essa transformação do departamento, que antecedeu à entrada dos novos professores do concurso de 2009.

S.C.: Teve muita coisa... Teve aquela questão do teatro, do LOT, Livre Oficina de Teatro. Isso tudo faz parte dessa mudança do departamento, aquele trabalho, a pesquisa sobre bullying... Isso tudo faz parte, o IPCS [Programa de Iniciação à Pesquisa Científica em Sociologia] que marcou aquele período do ensino de Sociologia no Colégio Pedro II... e a Jane era coordenadora da pesquisa, então foi um trabalho que marcou o departamento. Muitos trabalhos aconteceram na época em que a Jane foi Coordenadora. Foi um período em que tínhamos tempo na nossa carga horária, a Jane tinha um tempo na carga horária para ser a coordenadora. Hoje em dia, nossa carreira EBTT [Educação Básica, Técnica e Tecnológica] exige que façamos muitas atividades em ensino, pesquisa e extensão. Temos uma carga horária em sala de aula elevada diante de outras obrigações que precisamos atender. Estamos, portanto, com tempo muito reduzido para trabalhar com a iniciação científica. Mas o IPCS foi uma atividade que contribuiu para uma nova dinâmica no Departamento e conseqüentemente favoreceu novos olhares para a Sociologia no Colégio Pedro II.

C.E.: Essa inserção das Ciências Sociais no Ensino Fundamental do Colégio Pedro II, que depois vai render frutos, hoje a maior institucionalização a que isso levou foi ter havido aquela coleção *Sociedade em Movimento* de livros para ensino de Ciências Sociais no Ensino Fundamental, que é uma vitrine do que a gente faz. E a gente sempre tem que estar reafirmando essa importância da disciplina Ciências Sociais no Ensino Fundamental. E a senhora teve ali uma atuação no departamento nesse sentido. Existia uma divisão no departamento nesse sentido de haver ou não haver Ciências Sociais no Ensino Fundamental ou foi uma coisa com que todo mundo concordava?

S.C.: Existiam professores que valorizavam as Ciências Sociais no Ensino Fundamental, gostavam de trabalhar com crianças e tinham professores que se dedicavam mais ao Ensino Médio, não tinham habilidade e, talvez, nem quisessem desenvolvê-las, para trabalharem com crianças. Então tinha, assim, alguns professores... quando eu entrei como contratada, quem gostava de trabalhar com Ensino Fundamental acho que era eu, a Jane e a Fátima, não sei se

Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 26, 2º sem. 2020, p. 56-71.

tinha mais professor formado em Ciências Sociais ou Sociologia que gostasse de trabalhar no Ensino Fundamental, que defendiam o Ensino Fundamental. Dos outros professores que entraram comigo, quando entrei como efetiva, o Rogério também defendia as Ciências Sociais no Ensino Fundamental. Aí essa ênfase no Ensino Fundamental foi reforçada depois do concurso em que já entraram a Tatiana Bukowitz, que também defende as Ciências Sociais no Ensino Fundamental, assim como o Eduardo de Biase. Então vieram outros professores que já também passaram a defender as Ciências Sociais no Ensino Fundamental. Já havia todo um trabalho desenvolvido com o Ensino Fundamental e reconhecido pela comunidade escolar. Mas, dos professores mais antigos e talvez dos novos, muitos não demonstravam grande interesses em trabalhar com o Ensino Fundamental.

C.E.: Eram mais voltados para o Ensino Médio... porque é um embate, parece que não, mas é super importante, porque ele produz uma realidade, que são as Ciências Sociais no Ensino Fundamental. Eu me lembro que quando eu fiz o Ensino Médio aqui, eu vi a Sociologia com certa surpresa. “Caramba! Que isso! Muito diferente!”. Agora, os alunos que fazem o Ensino Fundamental aqui e vão para o Ensino Médio, eles já sabem muito daquilo ali. Isso porque eles tiveram Ciências Sociais, que na época tinha um outro nome. Quando eu estudei aqui como aluno, se chamava Sociedade e Cidadania. Então essa institucionalização de, em vez de Sociedade e Cidadania, terem Ciências Sociais, isso desde o sétimo ano, esse aluno já vai ver um conteúdo que é antropológico, que é sociológico e até um conteúdo de Ciência Política, no oitavo e no nono ano. Eles chegam no Ensino Médio super ambientados com as Ciências Sociais. Fazem um curso em que passam mais anos em contato com as Ciências Sociais – claro que em outro nível de profundidade – do que em uma própria graduação de quatro anos em Ciências Sociais, pois durante seis anos o aluno do Colégio Pedro II esteve vendo temas de Ciências Sociais semanalmente. É uma conquista...

S.C.: Sim... uma bela conquista, mas uma pena que saiu do sexto ano. Nós tínhamos um belíssimo trabalho consolidado, os pais gostavam. Achávamos que não íamos perder, e saímos do sexto ano para ganhar o nono ano. Era melhor ficarmos no sexto, sétimo, oitavo e também no nono ano.

C.E.: Em sua vida, a senhora fazia alguma militância?

S.C.: Olha, não exatamente uma militância, mas eu trabalhei como pesquisadora na FASE [Federação de Órgãos para Assistência Social] e militava na questão urbana na qual a Ana Clara Torres também militava. Tinha o Fórum de Reforma Urbana, então, desse fórum, várias ONGs participavam. Na verdade, eu trabalhei na pesquisa sobre orçamento participativo na FASE. Mas a coordenadora da pesquisa sobre orçamento participativo, que era a Grazia de Grazia, participava também desse Fórum de Reforma Urbana. Então eu também ajudei em alguns momentos esse Fórum. Eu me lembro que teve uma conferência que era preparatória para a Conferência de Mulheres, em Beijing, da qual fiz parte da comissão organizadora, aqui no Rio de Janeiro. Então tiveram umas coisas assim, não era exatamente uma militância, mas eu fazia parte do movimento ali, trabalhando.

C.E.: E de uma pesquisa engajada... Porque a senhora participou de todo um conjunto de institutos de pesquisa... Qual foi aquele instituto de que a senhora participou organizando documentos?

S.C.: Ah! IPCN [Instituto de Pesquisas das Culturas Negras], ajudei a organizar a Biblioteca do IPCN! Foi um trabalho interessante, eu estava em um lugar que, inicialmente, causava estranheza às pessoas, mas depois acabavam aceitando.

C.E.: Esse geralmente é o momento em que a gente pergunta para o entrevistado se houve algum acontecimento-chave na trajetória dele que a gente não passou aqui nas perguntas ou que queira colocar, “isso é muito importante, eu não disse isso aqui” e tal...

S.C.: A questão do movimento das Diretas. Isso me influenciou, mas em outro sentido, porque eu nunca me esqueci. Minha irmã estava grávida e fomos para a Candelária...estava “vazio” e ficamos lá. Dali a pouco encheu a Candelária e ficamos no meio daquela multidão, eu fiquei com medo. Uma falta de ar, porque se acontecesse alguma coisa nós íamos ser esmagadas ali, eu e minha irmã grávida. Então aquilo ali me marcou. Mas, sem sombra de dúvida foi um movimento importante! Foi importante estarmos ali. Outra coisa que também achei significativa foi a chegada do Brizola no Rio de Janeiro, em que por um acaso fui ao aeroporto na sua chegada ao Rio. Encontrei com um amigo que estava indo me juntei a ele e fomos. Foi bem emocionante. E depois o Brizola teve um papel importante aqui no Rio de Janeiro. Acho que a partir dele, no Rio de Janeiro, ganhou visibilidade essa separação entre governo federal e

governo estadual, bem como fazer política pública para atender uma população quase sempre excluída destas políticas...

C.E.: É no ano que a senhora começa a graduação o ano da anistia, 1979... Aí Brizola volta...

S.C.: É. O que me chamou a atenção, entre outras situações no governo Brizola, foi porque o governo federal passou a não mandar dinheiro para o governo estadual, porque o Brizola era “maldito”. Então essa política de respeito aos Direitos Humanos que ele tentou implementar nas favelas, passou também a ser mal vista, falavam que ele estava favorecendo bandido, criando políticas para favorecer bandidos. Hoje vemos as consequências da falta de investimentos em saúde, educação, moradia... Reconhece-se hoje a necessidade de investir, e quando se tentou investir, há mais de 20 anos, estavam achando que estavam privilegiando bandidos. Quer dizer, o preconceito, o racismo, mais uma vez impedindo o surgimento de políticas sociais.

C.E.: E atualmente tem muita coisa, né? Uma é essa sua participação nessa construção da legitimidade da iniciação científica aqui no colégio. Outra é a participação da nucleação do colégio, de que eu acho que o LAEDH é um exemplo, que a senhora está aí, pioneira da nucleação, que é uma coisa que na Universidade eles estão preocupados com a nucleação e aqui parece que é um assunto que não nos diz respeito, mas a senhora batalha pela nucleação, pela criação e fortalecimento de núcleos de pesquisa no colégio. E a terceira coisa, acho que aí, inclusive, é essa construção do Laboratório de Educação de Direitos Humanos, de que eu me lembro que era muito uma colocação que a senhora fazia, e que realmente foi super acertado, de um núcleo com uma amplitude de temas que a gente consegue tratar... E outra coisa que eu acho que vale a pena mencionar é a sua dedicação hoje também, que a gente não falou até agora disso, à formação de professores, que eu acho que tem duas dimensões: uma é no estágio, que a senhora supervisiona estagiários; e uma é na pós-graduação, que a senhora está dando cursos e está inclusive orientando monografias de pós-graduandos. E agora o nosso Departamento de Sociologia vai ter uma graduação em Ciências Sociais, que vai participar do SISU [Sistema de Seleção Unificada], que é a demanda de alguns professores, que eu acho que também é uma batalha! Mas antes de ter até a graduação e a pós-graduação do Departamento, com a Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica, quando o colégio teve a iniciativa de ter um Programa de Residência Docente (PRD) em parceria com a CAPES, a senhora sempre

teve uma ideia de que se tinha uma janela aberta para o Departamento, e a senhora ia participar. E foi uma orientadora da Residência Docente que acho que orientou dez residentes docentes ou mais, dez monografias. E isso acho que tem muito a ver com o trabalho que a senhora realiza hoje, né, de orientação de pós-graduandos e formação de professores?

S.C.: Eu realmente não sei quantos orientandos tive na residência docente, mas foram alguns. Então, essa coisa de orientar professores é interessante... porque eu acho que poderia ser um trabalho melhor se a gente tivesse mais tempo, se os horários combinassem melhor. Como falei acima, são muitas tarefas para pouco tempo. Mas eu acho importante a gente estar, assim, próximo, a possibilidade da troca. É um trabalho interessante! O bom depois é ver essas pessoas bem, exercendo bem a atividade profissional, acho isso bacana. A possibilidade da troca de conhecimentos e a renovação das dinâmicas e estratégias pedagógicas são enriquecedoras. É também um processo meu de aprendizado. Já a pós também está diversificada, nem todo mundo é professor, mas o foco do curso ainda é a sala de aula. Eu tive, por enquanto, só uma orientanda que defendeu monografia, mas o trabalho na pós é bastante complicado, porque são trabalhadores que vem à noite, às vezes a turma não está completa, é uma dificuldade... é um trabalho, às vezes, meio difícil de se realizar. E tenho alguns alunos do PIBID [Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência] também. Então, tanto do estágio quanto do PIBID é muito difícil conciliar horários e agendas. O estagiário vem, mas ele trabalha, trabalha em pesquisa. Então, assim, hoje em dia para o estagiário está difícil. Observei também os alunos do PIBID, que é um Programa de Iniciação à Docência, que esse ano também tive dificuldade de acertar as agendas, horários, mas depois tudo se acertou. Então, assim, no olhar da Universidade sobre a escola parece haver uma incompreensão do que é a escola. E essa coisa da Universidade achar que está lá em cima e a gente está aqui embaixo, né? Então tem muita coisa ainda a ser ajustada em relação ao PIBID. E tenho atuado na pesquisa também, sobre as Meninas na Ciência, em parceria com a Gilda Olinto, do IBCT [Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia] da UFRJ.

C.E.: Isso é uma parceria importante também com a professora Gilda Olinto que a senhora realiza.

S.C.: Sim! Mas a própria estrutura da Universidade que forma professores, ao achar que eles têm mais competência que os professores da escola básica, é uma contradição e um

desconhecimento da realidade da escola básica em relação ao que fazemos aqui, ou pelo menos da realidade do Colégio Pedro II, né? Espero que eu tenha atendido a tudo, Carlos!

C.E.: A gente agradece muito a sua participação e qualquer informação que a senhora queira acrescentar depois, qualquer coisa, manda para a gente. Obrigado, professora!

S.C.: Nada, foi um prazer!